OS VINHOS PORTUGUÊSES

POR

BERNARDINO MACHADO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1897

OS VINHOS PORTUGUÊSES

DISCURSO PRONUNCIADO

NO

CONGRESSO VITICOLA NACIONAL

DE

1895

Senhor Presidente!

Ainda que não fôsse representante de algumas corporações que se lembraram do meu nome, eu não faltaria neste logar. A Real Associação Central da Agricultura Portuguêsa projectou este Congresso, quando eu tinha a honra de ser ministro das obras publicas, commercio e industria, e ella sabe perfeitamente o acolhimento cordial que lhe fiz. (*Apoiados.*) Por isso eu não podia deixar de vir aqui significar a v. ex.ª, como representante da Real Associação, as minhas congratulações pelo exito feliz e completo de tão patriotico projecto.

A questão dos vinhos é, sem duvida alguma, a nossa principal questão economica. (*Apoiados.*)

Não temos outro elemento comparavel de riqueza. É este, o vinho, o nosso principal artigo de exportação *(apoiados)*; e precisamos de pensar não só em que os terrenos que destinamos hoje á cultura da vinha, prometlem ainda uma producção maior do que a actual, mas tambem nesses largos tractos de terreno que desgraçadamente ainda hoje se acham incultos no nosso paiz. *(Apoiados.)* A esses terrenos é da maior conveniencia levar a cultura da vinha. Todos sabem, e esta assembléa especialmente, que não ha cultura mais colonisadora. *(Apoiados.)*

A necessidade colonisadora tem sido reconhecida ha muitos annos entre nós; e eu tentei satisfazel-a pelos meios que se me afiguraram mais praticos. Póde dizer-se que a colonisação official se achava interrompida desde o tempo das nossas navegações e conquistas até ao decreto que publiquei sendo ministro das obras publicas.

Por esse decreto quiz que o Estado désse o exemplo colonisador. Infelizmente até hoje ainda se não fez sequer o arrolamento das propriedades na posse do Estado, que eu desejava que fôssem acoureladas para centros colonisa-

dores; nem ao menos foi ainda convocada a commissão colonisadora que encarreguei de proceder a esses trabalhos, e que era constituida pelos srs. Visconde de Chancelleiros, José Maria dos Santos, Sertorio do Monte Pereira e Antonio Isidoro de Sousa.

É pois urgente, não só em face da nossa actual producção, mas na previsão do muito que devemos esperar da viticultura portuguêsa, que se cuide com todo o interesse da collocação dos nossos vinhos. (*Apoiados.*)

Devemos pensar antes de tudo no primeiro mercado, que é o nosso proprio paiz. (*Apoiados.*)

Evidentemente, pelo incremento das industrias, e portanto por um progresso na economia nacional, o nosso paiz deverá ser um consumidor maior do que é actualmente. Além de que o paiz não se restringe ao continente e ilhas adjacentes; a patria portuguêsa estende-se até ás colonias; e, se devemos contar com as colonias para a producção dos generos agricolas, inclusivè o trigo, que tanto nos falta, devemos contar com ellas tambem para nosso mercado de consumo, especialmente para mercado de vinhos. (*Apoiados.*)

Por mais que se cerceiem os nossos domi-

nios, que ainda são grandes, apesar do muito que a voracidade estrangeira tem arrancado á nossa fraqueza, a verdade é que não devemos deixar de pensar na exportação dos nossos vinhos para as nossas colonias. *(Apoiados.)*

Como assegurar, como desenvolver a exportação dos nossos vinhos para fóra do paiz? Eis logo depois a outra questão.

Não só os mercados para vinhos, mas os mercados, em geral, podem dividir-se em mercados de producção, como são os grandes centros novos, de trabalhadores, e em mercados de consumo, que são sobretudo as nações ricas, que têem já classes com riqueza para se poderem dar gôstos requintados. D'ahi vem que os mercados se dividem naturalmente, uns para vinhos de pasto communs, e outros, que são as nações mais ricas, mais poderosas, não só para vinhos de pasto communs, mas ainda para vinhos generosos.

Os nossos mercados são: para os vinhos communs, principalmente o Brazil, e, para os vinhos generosos, principalmente a Inglaterra, o que está rigorosamente dentro da classificação que acabo de indicar á assembléa.

Não nos póde ser muito difficil fortalecer-

nos nestes dois mercados. Para nos assegurar o mercado inglês, temos a primazia dos nossos vinhos; e, para fornecermos o mercado do Brazil, temos do nosso lado o patriotismo dos portugueses que alli estão.

Mas, sr. presidente, não devemos tratar só de fortalecer-nos em mercados já conquistados; devemos fazer por levar os nossos vinhos de pasto a todos os centros de população portuguêsa espalhados pelo mundo, e por levar os nossos vinhos generosos á Allemanha e á Russia e, na America, aos Estados Unidos do Norte, e, atrás dos vinhos generosos, que são os introductores de todas as nossas mercadorias, levar tambem os vinhos de pasto.

Quaes os meios para realisar este *desideratum?*

Para conhecer esses meios, sr. presidente, é indispensavel conhecer quem são os nossos competidores.

Não os temos para os vinhos generosos, Porto e Madeira. Para os vinhos de pasto temos duas ordens de competidores, temos os que produzem muito, e temos os que produzem bem. Os nossos competidores são, não falando senão dos principaes, quanto á perfeição, a França,

quanto á abundancia, a Hespanha, e tambem, pela abundancia da colheita e pelo aperfeiçoamento do fabrico, a Italia. Todos sabem o que a Hespanha tem feito para a conquista de novos mercados. Ainda ha pouco, o sr. Moret, quando ministro, parecia estar tão seguro da conquista do mercado do Brazil, que se expressava em termos, a meu ver, de esperança desmedida em uma circular dirigida ás Camaras de commercio hespanholas. Mas, se os nossos competidores são estes, se temos competidores pela abundancia e pela perfeição, os meios de que devemos usar para a lucta, não são senão produzir, sob o ponto de vista commercial, mais do que a Hespanha e tão bem como as nações que melhor produzem.

Achando-me no seio d'este congresso, devo significar-lhe todo o meu respeito, toda a minha veneração pelos esforços que a iniciativa particular tem envidado neste sentido, tanto para haver producção mais intensa como para haver aperfeiçoamento no fabrico do vinho. Sobretudo, sr. presidente, a lucta sustentada pelos viticultores portuguêses contra os successivos flagellos que têem atacado a vinha, é verdadeiramente admiravel! Nesta segunda metade do seculo

têem-se succedido os flagellos tão de perto, que a cada um que sobrevem, parece que a viticultura portuguêsa vae succumbir; e ella tem-se sempre levantado, tem subido até á altura que demonstra este *congresso*! (*Vozes*: — Muito bem.)

Isto pelo que toca ao ponto de vista, a que chamarei *naturalista* ou *industrial*. Mas ainda ha o ponto de vista *social*; quero dizer, a agricultura, como qualquer industria, precisa de se associar, e nestes ultimos tempos os comicios realisados em defesa do trigo e em defesa do vinho nacional provam bem o espirito de camaradagem da *agricultura portuguêsa*! (*Apoiados*).

E a agricultura portuguêsa, sr. presidente, convenceu-se de que para o seu desenvolvimento precisava sobretudo de se instruir, e são notaveis os progressos que a instrucção agricola tem recebido: basta visitar algumas propriedades, que são verdadeiros modelos em qualquer parte! basta ver a profusão de publicações que se occupam das questões agricolas, especialmente de viticultura! E nesta campanha pela instrucção agricola cabe incontestavelmente uma parte nobre e gloriosa ao Instituto de Agronomia, cujos professores são continuado-

res dignissimos da obra encetada por Ferreira Lapa e Silvestre Bernardo Lima. (*Vozes*: — Muito bem.)

Sr. presidente, durante a minha gerencia ministerial, entendi que devia acompanhar este movimento para fomentar a intensidade da producção, e fiz pela primeira vez a distribuição de adubos e de preparados cupricos garantidos. Seguindo o pensamento do meu illustre antecessor, o sr. Visconde de Chancelleiros, eu pela primeira vez pude adquirir plantas exclusivamente dentro do paiz para a renovação dos nossos vinhedos; e accrescentei o numero de viveiros officiaes, ao norte e ao sul do paiz.

Para fomentar o aperfeiçoamento do fabrico, tendo visto os resultados obtidos pela Companhia Vinicola do norte do paiz, resultados realmente credores de todo o applauso, entendi que devia, ao sul, subsidiar uma outra companhia, tambem credora de todas as sympathias, a União vinicola e oleicola de Vianna do Alemtejo, para ella poder levar a effeito a construcção d'um lagar e adega sociaes.

Egualmente dei a mão ao movimento associativo, e apoiei no parlamento e no meu ministerio a proposta para a formação de syndi-

catos agricolas, apresentada pelos srs. deputados Alfredo Barjona de Freitas e Diniz Moreira da Motta. Estimo devéras ter ensejo de prestar homenagem, deante de um, a ambos esses deputados, que fôram os primeiros a exemplificar a importancia do principio associativo, organizando, um, um syndicato no continente e o outro um syndicato nas ilhas.

E, como a grande mola é a instrucção, eu, de mais a mais, na minha antiga e nunca esquecida qualidade de professor, procurei impulsar o ensino agricola, reformando as escholas de viticultura, no sentido de as tornar verdadeiramente praticas para prepararem capatazes viticolas e mestres de adegas, e dotando o Instituto agricola com mais tempo lectivo para o ensino da viticultura e com uma quinta annexa para campo de experiencias. Mas, como o ensino não se faz unicamente nas escholas, e o ensino não é só para os adolescentes, é tambem para os adultos, — honrado pela collaboração dos srs. Jayme Batalha Reis e Cincinato da Costa, iniciei no paiz conferencias para a vulgarisação dos melhores processos de cultura da vinha e de fabrico dos nossos vinhos, bem como das prescripções que os commerciantes deviam se-

guir para a collocação dos vinhos no estrangeiro. E, sr. presidente, além do ensino dado na eschola, além do ensino dado pela palavra oral, pude fundar uma bibliotheca agricola, destinada a espalhar pelo paiz as melhores publicações agricolas, e portanto tambem sôbre viticultura.

Infelizmente, depois que saí do ministerio, não sei que estas minhas iniciativas, que não eram mais do que um *impulso com que* cordialmente procurava cooperar para o desenvolvimento do paiz, não sei, digo, que estas minhas iniciativas proseguissem. Já no ultimo anno não me consta que se distribuissem preparados cupricos; parece que se desfez por fim o arrendamento que eu mandara fazer da quinta annexa ao Instituto agricola, e, que eu saiba, ainda ninguem poude aproveitar-se da bibliotheca de que acabei de falar, a bibliotheca agricola! Pois estes são os meios, pelos quaes nós lograriamos ir-nos habilitando, cada vez mais, a arcar com os nossos competidores!

Assim habilitados, a nossa empreza reduz-se á propaganda dos nossos vinhos; ora fazer a propaganda dos nossos vinhos não é senão instruir o estrangeiro sôbre as distinctas qualidades que caracterisam os vinhos portuguêses.

A iniciativa particular muito tem feito já para a propaganda dos vinhos portuguêses no estrangeiro. Ainda ultimamente é para citar com louvor a iniciativa da Associação Commercial do Porto, que foi aos Estados Unidos expôr os nossos vinhos no certamen de Chicago, onde elles obtiveram o galardão merecido. A imprensa patrocinou esta iniciativa, e o *Commercio do Porto*, orgão que honra a imprensa portuguêsa, mandou publicar um jornal especial, que foi largamente espalhado, e que muito concorreu de certo para o conhecimento dos nossos vinhos na America.

Eu, sr. presidente, tinha tambem o dever de acompanhar a iniciativa particular na propaganda dos nossos vinhos, e nesse sentido pensei, auxiliado por alguns homens competentes, em fazer a propaganda ao norte e ao centro da Europa. A propaganda consistiria na organização de exposições e de laboratorios junto aos nossos consulados, e em conferencias e em publicações que despertassem a attenção publica e demonstrassem e pozessem bem em relevo as altas qualidades dos productos das nossas vinhas.

Depois de mim, pensou-se de outro modo;

mas parece-me que se quiz fazer um *tour de force*, tentando quasi o impossivel. Nós, como já tive occasião de dizer, devemos tentar a collocação dos nossos vinhos de pasto nos mercados onde os vinhos generosos são os seus naturaes introductores, quero dizer, devemos levar os nossos vinhos de pasto á Inglaterra, Allemanha, e á Russia. Leval-os á America do sul, ás republicas hespanholas, parece-me coisa tão difficil, cousa tão arriscada quasi, como se pensassemos em levar a competencia á propria Hespanha.

Não basta, sr. presidente, fazer a propaganda dos nossos vinhos...

Eu vejo que já passou a hora e não desejo de modo algum abusar da assembléa. Por mais que procurasse resumir-me, não consegui fazel-o.

(*Vozes:* — Fale, Fale.)

Agradeço a manifestação da assembléa.

Não basta, sr. presidente, fazer a propaganda dos nossos vinhos, não basta demonstrar a sua valia, as suas qualidades, é indispensavel defendel-os dos nossos competidores. É preciso defendel-os dentro do paiz e fóra d'elle. Estas duas questões, a questão da defesa dos vinhos

dentro do paiz e da sua defesa fóra d'elle, têem sido ultimamente agitadas.

Para os defender dentro do paiz temos um meio, que é o imposto de importação.

Como v. ex.ª sabe, durante a minha gerencia, pretendeu-se abaixar o direito de importação dos vinhos hespanhoes. Por todo o paiz se reclamou contra semelhante pretenção; e, antes mesmo d'este movimento geral da opinião, achando-me em Santarem com o professor, em quem ha pouco falei, o sr. Cincinato da Costa, eu declarava categoricamente que não seria com a minha assignatura que se franquearia a entrada dos vinhos hespanhoes em Portugal. (*Apoiados. Vozes*: — Muito bem.) E porque?

Os argumentos apresentados em favor da reducção do imposto de importação eram estes: primeiro... (O sr. *Manuel Pestana*: — O primeiro, se v. ex.ª me permitte, é que não ha via lei que tal auctorisasse. —) Tem v. ex.ª razão. Mas o governo podia levar ás camaras uma proposta de lei nesse sentido. Não a levaria eu, e não a levaria, porque nenhum dos argumentos adduzidos me parecia convincente. (O sr. *Manuel Pestana*: — Apoiado. —)

Dizia-se que precisavamos de assegurar a

nossa clientella no Brazil. Mas a primeira condição para assegurarmos uma clientela é não nos desacreditarmos *(Apoiados)!* Este era o argumento do presente.

Falava-se tambem do futuro, e dizia-se que provavelmente o paladar se deshabituaria dos nossos vinhos e se voltaria para os vinhos hespanhoes. E então iriamos pela lotação preparar a transição para esse futuro ?! *(Apoiados.)*

Depois, e era este para mim o principal reparo, havia o governo da nossa terra de decretar a falsificação dos vinhos portuguêses, porque outra cousa não era o que se pedia? *(Muitos Apoiados.)*

O exemplo citado da França não colhe. (O sr. *Manuel Pestana*: — Apoiado. —) Não queria mesmo que o imitassemos, porque não desejo nunca que o commercio deixe de proceder de bôa fé. (O sr. *Manuel Pestana*: — Apoiado. —) Mas, em summa, a França procurava os nossos vinhos para apresentar um producto que tem uma acceitação universal, e nós iamos desfigurar e comprometter os nossos!

O exemplo, tambem citado, da Hespanha nos ultimos tempos não procede, egualmente. A Hespanha abriu as suas portas, não a um vinho

inferior aos seus, mas a um vinho francês para melhorar o seu producto. Não digo que façâmos o mesmo, não acho bem que o vamos fazer. Mas era outra cousa!

E, quando afinal devessemos importar os vinhos hespanhoes, era pelo menos preciso sujeital-os a um regimen semelhante ao dos trigos, garantindo-se um preço ao vinicultor, da mesma forma que se garante ao productor do trigo.

Em summa, já disse o bastante, creio, para justificar perante v. ex.ª e perante esta assembléa a decisão que tomei como ministro das obras publicas.

E, já que falo neste assumpto, preciso denunciar á assembléa duas maneiras pelas quaes até certo ponto se póde sophismar a decisão que tomei contra a importação dos vinhos hespanhoes.

Um dos sophismas é ir o negociante português a Hespanha e fazer lá a lotação. Para este não ha outro remedio senão o patriotismo e a educação moral. Eu confio no patriotismo da nossa gente o bastante para crêr que um ou outro exemplo não se generalisará. Sair da patria para faltar aos deveres que ha para com ella, é procedimento de contrabandistas,

porque a legislação que nos rege, não se restringe ao nosso territorio, estende-se a todo o territorio onde esteja um português.

Outro sophisma de que se póde lançar mão, é o abuso da liberdade de transito concedida aos vinhos hespanhoes. Hoje ha depositos alfandegarios dos vinhos hespanhoes. Nesses depositos é preciso vigiar se o tratamento que se faz aos vinhos hespanhoes, serve para que, tendo sido impedida pela lei a sua livre entrada, ella se esteja dissimuladamente effectuando.

A outra questão, a da defesa dos nossos vinhos fóra do paiz, é a questão dos tratados, e essa não me competia a mim. Lamento que se não tenha dado nesse caminho o largo passo que ao governo competia dar.

Quando a Italia vae pelos tratados conquistando mercados, quando a Hespanha não só tenta esta conquista, mas até num acôrdo provisorio com a Inglaterra tambem já caminha abertamente neste sentido, a nossa morosidade, a nossa incuria é verdadeiramente para lamentar! *(Apoiados)*.

Nós precisamos absolutamente de tratados! Não falo já do tratado com o Brazil, que circumstancias dolorosas para o nosso coração

parece distanciar, mas precisâmos de garantir tanto quanto possivel a entrada dos nossos productos na Inglaterra, e precisamos dos tratados com a Allemanha e com a Russia, que instam pela sua parte por negocial-os comnosco.

Sr. presidente, esta é a competencia leal, e é assim que teremos de nos defender d'essa competencia.

A competencia desleal são as falsificações feitas dentro e fóra do paiz.

O que antes de mais nada é preciso, é não levar por toda a parte a convicção de que já não temos senão vinhos falsificados. Cumpre-nos tratar este assumpto com discrição, e eu infelizmente não a tenho visto. Não se leve ao estrangeiro a idéa ou a presumpção de que Portugal já não tem vinho bastante para o seu negocio e que o está falsificando!

Ha falsificações dentro do paiz? Punam-se, assim como todas as falsificações dos generos alimenticios, ou quaesquer outras.

Não é o governo que deve fazer a fiscalisação, porque isso é uma chimera; façam-na os particulares! Por isso acho indispensavel que em cada districto haja junto do agronomo um laboratorio, para que qualquer individuo possa

fazer a fiscalisação por si. Esta é que é a verdadeira fiscalisação efficaz. Concordo todavia com o relatorio em que é absolutamente necessario traçar um processo para a verificação das falsificações.

Quanto ás falsificações no estrangeiro, á venda de vinhos estrangeiros, e principalmente de vinhos hespanhoes, com o nome de vinho portuguès, isso está sob a comminação do tratado de commercio celebrado em Madrid em 1891, que eu como ministro tive a honra de levar o governo a ratificar. O que precisamos, portanto, é lançar mão d'elle, e não sei realmente como é que o não temos feito, porque este convenio foi sem duvida alguma a melhor arma defensiva que os representantes portuguèses, um dos quaes já morreu, Oliveira Martins, podiam arrancar ao congresso madrileno. Parece que em frente da Hespanha, que está exportando para o Brazil vinhos seus com o nome de portuguèses, nós cruzamos os braços, como se aquelles vinhos não fôssem lá fazer competencia comnosco. O governo hespanhol, em documentos que tiveram toda a publicidade, referiu-se a essas falsificações, e nós pelos nossos agentes não procurámos saber o que havia a

tal respeito para se applicarem as disposições do convenio!

Não desejo alongar-me mais. Esta magna questão dos vinhos é extremamente complicada: é tambem a de todas as industrias subsidiarias, é a questão do alcool, a questão do vasilhame e a questão da navegação. É mister que os governos se convençam da necessidade de proteger estas industrias, que são subsidiarias da industria dos vinhos, mas que haja todo o criterio no modo de as proteger, porque não é pelos meios, que ás vezes se têem proposto ao parlamento, que essa protecção se póde tornar benefica.

Finalmente a questão dos vinhos, como todos os problemas economicos, prende-se intimamente com a nossa situação financeira, e nós não poderemos resolver nem esta, nem nenhuma outra questão economica, emquanto pesar o onus incomportavel da tributação sôbre a economia publica! Não é possivel, com um imposto predial tão desegual e tão elevado a pesar sobre o agricultor, com o onus do imposto industrial, e ainda por cima com o do imposto do consumo sôbre o negociante, me-

lhorar as condições d'esta industria. È por isso que eu entendo que do seio d'este congresso deve sair um brado bem alto ao nosso governo, de que ha só um modo de resolver as difficuldades financeiras, e esse modo é administrar bem!

(Muitos apoiados. O orador foi applaudido com uma salva de palmas).

FIM